

BEA MEIRA

# MODERNISMO NO BRASIL

PANORAMA DAS ARTES VISUAIS

**ea**  
editora ática

Modernismo no Brasil: Panorama das artes visuais  
© Beá Meira, 2006

Diretor editorial Fernando Paixão  
Editor assistente Fabrício Waltrick  
Preparadora Maria da Anunciação Rodrigues  
Coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista  
Revisora Cátia de Almeida  
Estagiária Janaina Tais da Silva

ARTE  
Edição Cintia Maria da Silva  
Assistente Eduardo Rodrigues  
Projeto gráfico e editoração eletrônica Rex Design  
Pesquisa iconográfica Sílvia Klugin (coord.)  
Angelita Cardoso

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M451m

Meira, Beá, 1961-  
Modernismo no Brasil: Panorama das artes visuais / Beá Meira. – 1. ed.-  
São Paulo: Ática, 2006.  
64p.

Contém suplemento de leitura  
ISBN 978-85-08-10423-9

1. Modernismo (Arte) – Brasil. 2. Artes – Brasil – História – Século XX. I. Título.

06-2125. CDD 709.81  
CDU 7.036(81)

ISBN 978 85 08 10423-9 (aluno)  
CL: 733229  
CAE: 209631

2018  
1ª edição  
7ª impressão  
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2006  
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP  
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br  
www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



#### Créditos:

#### Abreviaturas: a: no alto; b: embaixo; c: no centro; d: à direita; e: à esquerda

Rijksmuseum Kröller-Müller, Otterlo: 4a, 8a. MAC-USP, SP: 4a, 4c, 5a, 15, 24, 37b, 38, 44. Coleção Museu Nacional de Belas Artes/IPHAN/MINC, RJ: 4a, 10, 12b, 26ce. Coleção Chaim José Hamer, SP: 4b, 33a. MAM, Rio de Janeiro/Coleção Gilberto Chateaubriand: 4b, 31cd. Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, MG: 4b, 35b. Acervo MALBA, Coleção Costantini, Buenos Aires: 4c, 22a. Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães, Pernambuco: 4c, 18. Coleção Família Cordeiro: 5a, 39b. Fundação Pierre Verger, Salvador: 5c, 52a. Museu Lasar Segall, São Paulo: 5b, 56a. Estate of Pablo Picasso/Artists Rights Society (ARS), New York: 6. Icons of Graphic Design, Steven Heller e Mirko Ilic, Thames Hudson: 7. Deutsches Historisches Museum/Lepkowski: 8bd. Philadelphia Museum of Art: 9a. Arquivo do jornal *O Estado de São Paulo*: 9b. Acervo George Ermakoff, RJ: 11. Coleção José Paulo Moreira da Fonseca: 12a. FAU-USP/LRAV Fotografia: 13a. Fundação do Patrimônio Histórico da Energia, SP: 13b. Museu Lasar Segall/ São Paulo: 14. Acervo Iconographia/Companhia da Memória: 16. Oswald de Andrade, Obras Completas, "O perfeito Cozinheiro das Almas deste Mundo": 17. P.M. Bardi, *O Modernismo no Brasil*: 18. Iconographia: 19b. Theodor Preisung: 20. Coleção de Oswald de Andrade Filho: 21. Pagu: Vida e Obra, Augusto de Campos: 22b, 23cd. MASP, São Paulo: 23a, 26a, 36. CPDOC/Fundação Getúlio Vargas: 23be, 27b. CEDAE-UNICAMP, Campinas: 25. Museu Castro Maya, IPHAN-Minc, RJ: 27a. Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli: 29a. Armando Vianna: 29be. Carlos Nambaj/ Editora Abril: 30. Hulton-Deutsch Collection/CORBIS: 31bd. Archives Treillard, Paris/A.D.A.G.P. – Man Ray Trust: 32. Coleção Sergio S. Fadel, RJ: 33b. Projeto Portinari: 34a, 34b. Folha Imagem: 37a, 41be. Geraldo de Barros/Galeria Brito Cimino: 40, 53be. Coleção Adolpho Leirner: 41ae. Marcel Gautherot/Instituto Moreira Salles: 42, 52b, 59ad, 60b. AJB: 43. Paulo Kobayashi/Editora Abril: 45ad. Odeon: 45b. Aleksander Rodtchenko: 46. Paim Vieira: 47ad. Biblioteca Guita e José Mindlin, SP: 47b. Coleção Waldemar Torres, Porto Alegre: 48a. MAM, São Paulo, Coleção Adolpho Leirner: 48b. A Herança do Olhar – O Design de Aloísio Magalhães, Artiva Produção Cultural: 49a. Augusto de Campos, Poesia 1949-1979: 49b. Man Ray: 50. IEB-USP, São Paulo: 51. Hildegard Rosenthal/Instituto Moreira Salles: 53ae. Cortesia de Kopal Collection: 54ae. Acervo da Cinemateca Brasileira, SP: 54bd, 55ae, 55be, 57. Carybé/Vera Cruz/Acervo da Cinemateca Brasileira, SP: 56bd. Fundação Le Corbusier: 58a. MAB-FAAP/Cosac Naify: 5b, 58b. Eugenio Savio: 59be. Greg Salibian/Folha Imagem: 60a. Projeto do Plano Piloto de Brasília/Lucio Costa: 61b.

Foram feitas todas as tentativas para encontrar os detentores de copyright; entretanto, se houver ocorrido alguma omissão inadvertida, por favor entre imediatamente em contato com a editora para efeito de retificação.

# APRESENTAÇÃO

1917. Guerra, epidemia, greves e revoluções. O calor de dezembro desafia a multidão no centro de São Paulo. Homens apressados se atropelam pelas ruas na agitação do trabalho. Ali mesmo, na Rua Líbero Badaró, uma exposição de arte está para mudar a história do país. As pinturas de Anita Malfatti, ainda que representem uma manifestação tardia do Expressionismo, corrente artística que se difundira pela Europa nos primeiros anos do século XX, vão causar muita polêmica.

1967. O mundo está às vésperas de um período tumultuado de revoltas e revoluções. O governo militar brasileiro se prepara para tomar medidas mais duras a fim de reprimir a oposição. No Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no Aterro do Flamengo, de frente para a baía da Guanabara, Hélio Oiticica exhibe *Tropicália*. A obra, um espaço labiríntico que pode ser penetrado pelo público, é uma proposta pioneira no cenário internacional das artes plásticas.

Nesse intervalo de 50 anos a arte brasileira se modificou drasticamente. Conquistou a liberdade de inventar e passou a irradiar novas ideias para o mundo. Como essa transformação aconteceu? Quem são os artistas e as instituições responsáveis por tantas mudanças? Como as ideias estéticas desse período se refletiram nas artes gráficas, na fotografia, no cinema e na arquitetura?

Nas páginas deste livro – que traz reproduções de obras que marcaram época, acompanhadas de descrições concisas do cenário político e cultural – você vai encontrar algumas das respostas para essas questões. E, provavelmente, vai descobrir muitas razões para querer saber mais sobre a produção dos artistas brasileiros do século XX e de hoje.

# SUMÁRIO

MODERNISMO NA EUROPA 6



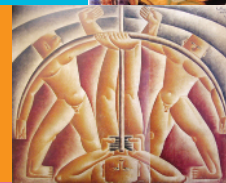
ARTE BRASILEIRA NO INÍCIO DO SÉCULO XX 10



NOVOS ARES 14



A SEMANA DE 22 16



ANTROPOFAGIA 20



OS ANOS 1930 24



DE VOLTA À TRADIÇÃO 28



OUTROS CAMINHOS 32



UM SÍMBOLO DO MODERNISMO 34



**MUSEUS E BIENAS 36**



**MOVIMENTO CONCRETO 38**



**NEOCONCRETISMO 42**



**ARTES GRÁFICAS 46**



**FOTOGRAFIA 50**



**CINEMA 54**



**ARQUITETURA 58**



**GLOSSÁRIO 62**

**ACERVOS 63**

**ÍNDICE REMISSIVO 64**

# MODERNISMO NA EUROPA

A segunda metade do século XIX na Europa foi uma época de profundas transformações, que alteraram radicalmente todos os aspectos da vida humana. Os avanços científicos e tecnológicos impulsionaram de modo definitivo a indústria e o comércio. A invenção da máquina a vapor multiplicou a capacidade produtiva das sociedades, levando à chamada Revolução Industrial. A ferrovia, o automóvel e o avião modificaram os meios de transporte. A fotografia, o cinema e as transmissões de rádio anunciavam uma nova era nas comunicações. Ocorreram também transformações sociais e políticas, com as lutas pela democracia e o surgimento das ideias socialistas.



Pablo Picasso  
*Les demoiselles d'Avignon*  
(As senhoritas de Avignon),  
1907, MoMA, Nova York,  
Estados Unidos

Considerada um marco na arte moderna, esta obra representa os corpos de cinco mulheres, construídos a partir de formas geométricas incongruentes – algo diferente de tudo o que havia na época.

## UMA NOVA ORDEM

A população aumentou e passou a se concentrar nas grandes cidades. Muitos deixavam o campo e se tornavam operários, suprimindo a demanda de mão de obra das fábricas, cada vez mais numerosas. Apesar das péssimas condições em que se encontrava a maioria da população, havia a esperança de que as mudanças políticas, somadas ao progresso tecnológico, trariam dias melhores para a humanidade.

Os operários e outros segmentos das classes menos favorecidas lutavam, apoiados nas ideias socialistas, por um mundo mais democrático, com uma distribuição mais justa da riqueza. Os valores e as regras sociais também eram questionados, e tudo apontava para a necessidade de imaginar uma nova ordem estética.

## UMA NOVA ARTE

Os artistas já vinham desde meados do século XIX se rebelando contra a ideia de representação da realidade ensinada nas academias de arte. Com a invenção da fotografia, em 1839, alguns temas deixaram de interessar tanto aos pintores.

Os retratos, por exemplo, podiam ser feitos a partir de então por uma câmera fotográfica. Em busca de novos desafios, os artistas não queriam mais usar efeitos de luz e sombra ou a perspectiva para dar uma ilusão do real em suas pinturas.

Na França, os impressionistas tinham abandonado a pintura no ateliê e faziam representações rápidas ao ar livre, em que o importante era captar a luz do momento.

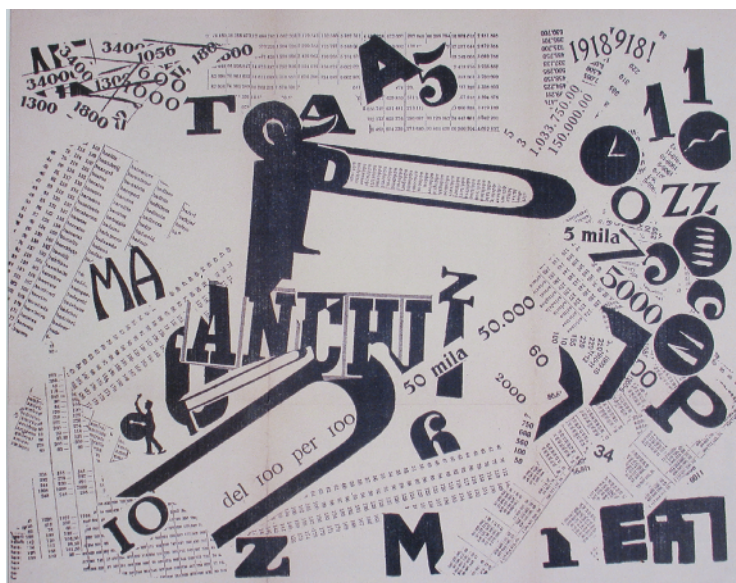
Um clima de experimentação tomava conta dos jovens artistas plásticos, músicos, escritores, atores e bailarinos. Eles desejavam que seus trabalhos refletissem as últimas realidades reveladas pela ciência, as ideias a respeito do funcionamento da mente e as novas propostas políticas. Mas queriam principalmente experimentar a liberdade individual em suas criações.

## CUBISMO

No começo do século XX, em Paris, os jovens artistas Pablo Picasso (1881-1973) e Georges Braque (1882-1963) estavam fazendo experiências artísticas, buscando simplificar as formas das figuras.

Eles criaram uma maneira de representar os objetos de diversos pontos de vista ao mesmo tempo. Faziam isso com a intenção de incorporar a dimensão do tempo em seus trabalhos. Repetindo e sobrepondo vários elementos, usando linhas interrompidas e poucas cores, os artistas fragmentaram tanto as formas que raramente era possível reconhecer as figuras nas pinturas.

Mais tarde, porém, eles voltariam a representá-las de maneira mais reconhecível, por meio de colagens, com materiais como papéis, jornais e areia.



Filippo Marinetti

*Encontro tumultuado,*  
1919

*Este é um dos poemas do livro Les mots en liberté futuristes, (Palavras em liberdade futuristas). Marinetti conclamou os poetas a se libertarem da servidão da gramática para inventarem novas maneiras de expressão.*

## FUTURISMO

Na Itália, um grupo de artistas se organizou ao redor do escritor e poeta Filippo Marinetti (1876-1944). Ele havia publicado o polêmico “Manifesto futurista” em 1909, na primeira página do jornal francês *Le Figaro*. Os futuristas rejeitavam o passado e idolatravam os sinais do futuro: a máquina, a eletricidade, a velocidade e a guerra, que destruiria as velhas instituições. Esses artistas faziam pinturas e esculturas que buscavam retratar o movimento das máquinas e o vaivém agitado da vida urbana.

As propostas radicais dos futuristas abrangiam todas as formas de expressão. A música futurista era inspirada nos sons produzidos pelas máquinas. Os arquitetos futuristas desenhavam cidades utópicas onde megaestruturas sustentavam arranha-céus e usinas hidrelétricas.

O Futurismo teve grande influência nos movimentos chamados de vanguarda que aconteceram pouco depois nos outros países europeus.

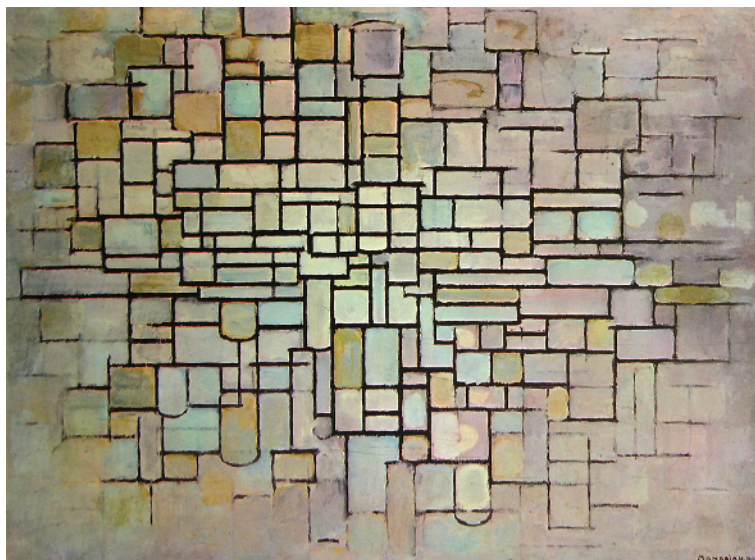
*“Nós declaramos que o esplendor do mundo se enriqueceu de uma nova beleza: a beleza da velocidade.”*

Filippo Marinetti, “Manifesto futurista”

## NEOPLASTICISMO

Na Holanda, em 1912, Piet Mondrian (1872-1944), influenciado pelas ideias cubistas depois de uma temporada em Paris, passou a trabalhar com a simplificação das formas em suas pinturas, reduzindo-as ao essencial. Em 1917, junto com Theo van Doesburg, fundou a revista *De Stijl* (O Estilo). As ideias estéticas defendidas por eles se espalharam pela Europa com a publicação do ensaio “O Neoplasticismo”, escrito por Mondrian. O Neoplasticismo tinha como propósito encontrar uma forma de

expressão plástica livre das representações figurativas e composta a partir de elementos básicos como a linha reta, o retângulo e as cores primárias (azul, vermelho e amarelo) associadas a preto, branco e cinza.



Piet Mondrian

*Composição em azul, cinzento e rosa, 1913, Kröller-Müller Museum, Otterlo, Holanda*

*Já no início dos anos 1910, Mondrian tinha reduzido seus interesses na pintura a construções ortogonais e ritmos de cores.*

## BAUHAUS

Em 1919, com o final da Primeira Guerra Mundial, o arquiteto Walter Gropius (1883-1969) e alguns artistas alemães, acreditando que a arte e o *design* poderiam ajudar a tornar o mundo um lugar melhor, fundaram a Bauhaus. Com sede em Weimar, a Bauhaus era uma escola que propunha o ensino da arte e da arquitetura voltado para o desenvolvimento da indústria. Alguns dos grandes mestres do Modernismo, como Paul Klee (1879-1940) e Vassili Kandinsky (1866-1944), foram professores da escola. Eles acreditavam que, utilizando as técnicas de produção em massa e materiais industriais como o aço e o vidro, seria possível produzir objetos funcionais, sem ornamentos e mais baratos, que estariam ao alcance de todas as pessoas.

Em 1925 a escola foi transferida para a cidade alemã de Dessau, onde uma nova sede foi projetada segundo a estética modernista: formas simples e utilização de cimento armado e vidro. São também desse período projetos de mobiliário, tapeçaria e luminárias que foram produzidos em larga escala, como as cadeiras e mesas de aço tubular criadas por Marcel Breuer.

Em 1932 a escola mudou-se para Berlim e, um ano depois, foi oficialmente fechada por determinação dos nazistas. A emigração dos professores para outros países difundiu as ideias da Bauhaus pelo mundo todo, transformando-a na escola de arte mais influente do século XX.



*Cadeira Vassili projetada por Marcel Breuer em 1925*

*Esta é uma das inovadoras cadeiras tubulares projetadas por Marcel Breuer para a nova sede da escola em Dessau.*